

Conexões Possíveis: psicanálise, política e a construção de parentescos

Possible Connections: psychoanalysis, politics and the construction of kinship

*Isabella de Lemos Novello**

*Regina Celi Bastos Lima***

Resumo

A partir da provocação de Fanon, que nos leva a questionar levando em conta a sociogênese, escolhemos como companheiras no percurso deste trabalho Donna Haraway, filósofa e zoóloga estadunidense e Silvia Federici pensadora feminista Italiana. Ambas trazem olhares para além dos parentescos usuais da Psicanálise. É sob esta lente que procuraremos trazer recortes da relação da Psicanálise com os acontecimentos sociais e políticos extremos por que temos passado recentemente no Brasil. As autoras enfatizam a força do coletivo lembrando que a cada momento estamos em relações de parentescos estranhas e diversas, sendo constituídos e constituindo para além do nosso pequeno círculo familiar. A Psicanálise não é, nem poderia ser uma ilha, isolada sem compromissos com o mundo e o tempo atual. Do nosso ponto de vista, como entendemos a psicanálise, certos posicionamentos são importantes no sentido de deixar claro que a democracia é condição de possibilidade para o livre pensar, e é ao seu lado que, como psicanalistas, buscando conexões possíveis, escolhemos caminhar.

Palavras-chave: Sociogênese. Antropoceno. Simpoiése. Campo dos Comuns. Pensamento crítico. Encontro ético.

Abstract

From Fanon's provocation, which leads us to question considering sociogenesis, we have chosen as companions on the journey of this work Donna Haraway, an American philosopher and zoologist, and Silvia Federici, an Italian feminist thinker. Both bring perspectives beyond the usual kinships of Psychoanalysis. It is under this lens that we will seek to bring excerpts from the relationship between Psychoanalysis and the extreme social and political events that we have recently experienced in Brazil. The authors emphasize the strength of the collective, reminding us that at every mo-

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ilnovello.in@gmail.com

** Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. reginacbl@hotmail.com

ment we are in relationships of strange and diverse kinships, being constituted and constituting beyond our small family circle. Psychoanalysis is not, nor could it be, an island, without commitments to the world and the current time. From our point of view, as we understand psychoanalysis, certain positions are very important in clarifying that democracy is a condition of possibility for free thinking, and it is on its side that, as psychoanalysts, searching for possible connections, we choose to walk.

Keywords: *Sociogenesis. Anthropocene. Sympoiesis. Commons. Critical thinking. Ethical meeting.*

“Estes tempos chamados de Antropoceno são tempos de urgência para todas as espécies, inclusive a humana. Como podemos pensar em tempos de urgência?”
(Donna Haraway, 2023, p. 67)

“Oh meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona”.
(Frantz Fanon)

Fale-me de você... te escuto.

O encontro psicanalítico pretende ser um espaço democrático, sendo a democracia um campo sempre em disputa inacabado por natureza. Percebemos que em uma sociedade autoritária a fala, assim como a escuta livre, são contaminadas, permeadas pelo inconsciente macropolítico. Entendemos que o inconsciente está para além do individual¹.

Acompanhamos Fanon quando diz que, assim como Freud sugeriu que fosse levado em consideração o fator individual substituindo a tese filogenética pela perspectiva ontogenética, ele sugere que ao lado da filogenia e da ontogenia há a sociogenia.

Recentemente vivemos no Brasil um momento no qual a democracia esteve gravemente ameaçada. Lembramos aqui de Safatle (2024) quando afirma que “o maior inimigo da democracia é o neoliberalismo”. Sabemos que ao redor do mundo cenários como este também seguem acontecendo. Vimos estruturar-se uma aliança entre o neoliberalismo e forças reacionárias. Ao longo da última década tornou-se mais claro que tal aliança tem a ver com o fato de ambos compartilharem um modelo de identificação subjetiva. Nessa cartografia, a resposta a um mal-estar, a um sofrimento coletivo, que também se manifesta no indivíduo, é o medo, a partir dele a negação, a submissão, a tentativa de silenciar a necessidade de mudanças intrapsíquicas e no mundo compartilhado.

Aqueles que inadvertidamente se submetem a este modo de constituição subjetiva percebem o outro como uma ameaça e temem toda novidade. Não suportam o diferente e encapsulam-se em grupos de iguais. Lembramos o conceito de narcisismo das pequenas diferenças. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921) define que o narcisismo das pequenas diferenças se caracteriza, nas massas, por uma heterogeneidade intergrupala e, ao mesmo

¹ Joel Birman em seu recente livro *Guerra e política em Psicanálise* nos lembra que em *Psicologia das massas e análise do eu* o discurso freudiano passou a pressupor que o inconsciente incide sobre as formações sociais e culturais, assim como sobre os dispositivos coletivos. Freud enunciou nesta obra de forma incisiva que a psicanálise não se restringia ao registro da individualidade.

tempo, uma homogeneidade intragrupal. Através da mesma lente, Deleuze sugere que nesta posição narcisista vive-se em um círculo existencial estreito, o sujeito adapta-se a existir no interior de um rebanho ou massa. Este não é um conjunto heterogêneo de singularidades, são indivíduos aprisionados a si mesmos que se agregam em celas contíguas.

Se na base da economia capitalista a exploração age sobre a força de trabalho, no neoliberalismo também a subjetividade é colonizada, a potência de criação das pessoas, sua capacidade de transformação e sua força vital são uma ameaça a este sistema de exploração e silenciamento. Sendo assim tornam-se alvos da exploração neoliberal aqueles que seriam capazes de autênticas transformações micropolíticas. Aquelas pessoas que, consciente ou inconscientemente, percebem o engodo da colonização neoliberal e não se submetem, não aceitam o convite silencioso de patologizar ou desqualificar o seu mundo subjetivo. Estes são aqueles que se sentem desencaxados, seus sintomas podem ser percebidos como denunciadores de um modo adoecedor de constituição subjetiva, sustentado por um ideário colonialista, racializante, patriarcal e reacionário.

Como sabemos, na constituição do sujeito, no seu encontro com o mundo existe um processo que parte de uma indiferenciação no início da vida em direção ao reconhecimento da alteridade. Este processo se estabelece num espaço entre o dentro e o fora, entre o público e o privado, irreduzível a qualquer uma destas categorias.

A alteridade é, por vezes, uma ameaça, mas, como sabemos, é também uma conquista no caminho rumo à maturidade. O encontro com o outro é sempre uma incógnita. Lembrando Winnicott, a destrutividade natural do ser humano pode criar o outro, o mundo e o si mesmo. É neste processo que cada um adquire a responsabilidade sobre suas ações e seu modo de estar no mundo. No entanto, se o ambiente não sobrevive a esta destrutividade, o encontro se dará de forma violenta e o outro será sempre uma ameaça. Na clínica Psicanalítica temos como norte o encontro do sujeito consigo mesmo sendo essa a possibilidade de um encontro ético com a alteridade.

Este encontro ético com a alteridade está no centro do pensamento de Donna Haraway, filósofa e zoóloga estadunidense que vem trabalhando modos de pensar a sobrevivência nestes tempos atuais do Antropoceno ou Capitaloceno. Haraway explicita a importância de estabelecermos novos e estranhos parentescos, acentua como precisamos uns dos outros em colaborações e em combinações inesperadas. É o que ela chama de "devir-com". Chama atenção para o fato de que a filosofia, assim como a biologia, não pode mais sustentar a noção de organismo independente em ambientes distintos. Reafirma que a menor unidade de análise é sempre a relação.

Em seu recente livro *Ficar com o problema*, a antropóloga reitera o quanto importa quais ideias usamos para pensar outras ideias. Alerta então para o risco de duas propostas sempre presentes quando pensamos a respeito da urgência em que estamos: a desistência, ou seja, a ideia de que nada mais pode ser feito – o jogo acabou. E a expectativa de salvação divina ou tecnológica – esses deuses nos salvarão e não há motivo para desespero. Sua sugestão é evitar saídas como estas, é ficar com o problema, pensar sem cinismo nem desespero.

Alinhadas com este olhar valorizamos os estranhos parentescos entre diferentes seres vivos assim como entre diferentes campos do saber. Haraway enfatiza que sozinhos, com nossos distintos tipos de especialidades e experiências, sabemos ao mesmo tempo muito e muito pouco.

O encontro ético por vezes nos demanda posicionamentos. A Psicanálise não é, nem poderia ser, uma ilha, sem parentescos ou compromissos com o mundo e o tempo atual.

No Brasil, fomos atravessados por acontecimentos que demandaram um posicionamento ético tanto na clínica quanto nas instituições psicanalíticas, e também como cidadãos. Sabemos que contra o fascismo a neutralidade significa conivência. Convivemos durante quatro anos com um governo representante da extrema direita que não tolerava a democracia. Este governo entendia que minorias não eram bem-vindas. Era um governo caracterizado pelo negacionismo, racismo, misoginia e ataques a todas estas pautas, em especial às de proteção ao meio ambiente, ignorando todo risco à nossa existência.

Diante desse cenário, a grande maioria das instituições psicanalíticas do Brasil, entre elas o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, instituição da qual fazemos parte, colocaram-se publicamente a favor do candidato democrata nas últimas eleições. Criou-se no país um grupo com muita adesão, chamado “Psicanalistas Unidos Pela Democracia”. Importante notar como as pequenas diferenças não nos impediram de unir nossas forças por uma causa maior.

Consideramos também essencial um movimento que vem acontecendo no CPRJ e em diversas instituições do país de inclusão de pessoas negras, indígenas e historicamente excluídas. Estamos nos referindo à democracia ameaçada e à tentativa de reconquista de espaços democráticos. Sabemos, no entanto, que falamos do lugar de brancas numa sociedade composta por mais de 50% de negros onde apenas 2% dos psicanalistas são negros. Para essa e outras maiorias minorizadas a democracia nunca foi uma realidade, sendo excluídas por um modelo normatizador que delimitava os grupos que estariam ou não autorizados a ser psicanalistas. Se isto não for colocado em pauta corremos o risco de reproduzir uma lógica colonialista incorrendo no desmentido

do ferenciano, atribuindo unicamente ao sujeito a responsabilidade por uma condição que é também coletiva.

Toda mudança macropolítica ganha potência tendo como alicerce uma base de transformações micropolíticas. Poderíamos inserir aqui a contribuição da psicanálise?

A psicanálise, como a entendemos, resiste. Resiste no sentido de não negar o "mal-estar" inerente à condição humana. Sabemos que na prática psicanalítica há possibilidade de reapropriação de uma potência vital de criação, possibilitando nos processos de subjetivação a introdução e validação de uma diferença, uma ruptura, uma mudança, possibilitando um pensamento crítico, ético e não moral a respeito das formas de constituição da subjetividade. É um campo questionador, como quer Fanon. É neste sentido que o sintoma pode ser entendido como denúncia de um modo de funcionamento sociocultural.

Munidos do instrumental da psicanálise nos damos conta de nossa incompletude. Sabemo-nos desamparados por vocação, narcisicamente limitados, inconscientemente definidos e, necessariamente, habitados pela ambivalência. Parece-nos assim que é nossa tarefa como humanos encontrar um modo de viver e agir que inclua a ambivalência. Ambivalência compreendida não como um impasse, mas como uma condição que, sendo reconhecida, conscientizada e suportada passa a requerer uma orientação e práticas éticas. Um encontro com a hospitalidade para o diferente dentro e fora de nós. Refletindo sobre a provocação de Dona Haraway em nossa epígrafe, para pensar nestes tempos de urgência nos parece essencial a contribuição deste olhar psicanalítico.

Donna Haraway defende o conceito de simpoiese para refletir sobre a reabilitação e sustentabilidade de mundos degradados, mas ainda vivos e em curso como o planeta Terra e seus habitantes no Antropoceno. Segundo ela, não podemos sustentar a noção de organismos independentes. O individualismo delimitado (ou neoliberalismo) retificado pela autopoiese não é suficiente e nos desencaminha por trilhas mortíferas. Simpoiese é uma palavra simples, que significa "fazer-com". Nada se faz por si só; nada é realmente autopoietico, auto-organizado. Haraway defende o alargamento e recomposição de parentescos pelo fato de todos os seres da terra serem parentes no sentido mais profundo do termo.

Concordamos com Haraway que o fazer coletivo, o fazer-com, abre fendas na dureza do Antropoceno-Capitaloceno. Estar em análise é estar em relação, é de algum modo "fazer-com". Em nossos consultórios ou, como tem acontecido nas últimas décadas no Brasil, grupos de psicanalistas levando para as ruas, para espaços públicos, praças ou consultórios coletivos, atendimentos para pessoas que jamais poderiam ter acesso a este precioso recurso. É necessário expandirmos nossos muros.

Tomadas pela perspectiva desse fazer em comum, e pelos ares da Itália, Federici nos veio à mente.

Silvia Federici, feminista italiana que no livro *Reencantando o mundo* apresenta seu olhar para o que se tem chamado o campo dos Comuns. Segundo ela um Comum, em essência, representa o reconhecimento de que não desejamos viver num mundo hobbesiano, no qual uma pessoa compete com as demais e a prosperidade é conquistada à custa dos outros que são essencialmente inimigos. Um Comum é um espaço de compartilhamento, avesso à ideia de propriedade. Diz respeito à criação de relações e espaços sociais baseados na solidariedade, no compartilhamento de riquezas de diferentes “naturacultura”, no trabalho cooperativo e nas tomadas de decisão coletivas.

Federici apresenta inúmeras experiências do fazer coletivo ao redor do mundo, que vão de encontro às relações de parentesco, o fazer-com de Dona Haraway. Diz Federici (2022): “nada há de ingênuo em observar que, em meio a tanta destruição, outro mundo vem despontando, como a grama nas fendas do asfalto urbano, desafiando a hegemonia do capital e do Estado, afirmando nossa interdependência e nossa capacidade de cooperação”.

De fato, talvez “ingênuo” seja pensarmos a Psicanálise isoladamente, despolitizada, desconectada das urgências que nos cercam². É fundamental levar em conta o capitalismo tardio, o colonialismo e a exploração exacerbada dos recursos humanos e naturais como agentes das dores e dos sofrimentos que recebemos nos nossos consultórios. Sendo assim é imprescindível reconhecer essas influências na constituição das subjetividades contemporâneas e as ameaças que representam no caminho da destruição do planeta e do “devenir negro do mundo”.

Para pensar a Psicanálise em tempos de urgência é importante estarmos atentos à produção psicanalítica ao redor do mundo, à interface com outros saberes, à relação entre os homens, entre as espécies e entre os países, tendo como horizonte o poder de decidir coletivamente nosso destino na Terra.

A Psicanálise traz uma visão de mundo que aponta para a necessidade de fazer laços, provocando e estimulando uma abertura para novas, múltiplas e inusitadas identificações, incluindo diferentes identidades, num “nós ampliado”. Fazendo novos parentescos com Donna Haraway, construindo novos Co-

² Joel Birman defende que Ernest Jones teve enorme e negativa influência quando em sua Biografia de Freud enunciou que os textos freudianos sociais e culturais não tinham a menor importância efetiva no campo teórico da psicanálise. Birman salienta que houve, a partir daí, um grande esvaziamento e silenciamento do valor conceitual e simbólico da dimensão política do discurso freudiano.

muns com Federici, afinal, como diz Fanon, pertencemos irredutivelmente à nossa época e o futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Hoje, esses somos nós.

Tramitação

Recebido 10/06/2024

Aprovado 26/06/2024

Referências

- BIRMAN, J. *Guerra e política em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. (Coleção sujeito e história).
- BUTLER, J. *A força da não violência*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2021.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, v. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. Edufba, 2008.
- FEDERICI, S. *Reencantando o mundo*. São Paulo: Ed. Elefante, 2022.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1921. (Obras completas, 15).
- HARAWAY, D. *O manifesto das espécies companheiras*. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2021.
- _____. *Ficar com o problema*. São Paulo: Ed. n-1, 2023.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: Ed. n-1, 2018.
- ROLNICK, S. *Esferas da insurreição*. São Paulo: Ed. n-1, 2018.
- SAFATLE, V. *Alfabeto das colisões*. São Paulo: Ed. Ubu, 2024.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.